

SOBRE AS PRIORIDADES ACTUAIS DO TRABALHO FEDERATIVO

-Considerando o âmbito da discussão federativa em curso como a ventilação à cerca de um programa de trabalho federativo das AAEE, enquanto organismos legais de carácter sindical, e nada mais nem nada menos;

-Considerando portanto todos os critérios, análises, projectos e propostas nesta discussão como sendo necessariamente susceptíveis de serem ventiladas, discutidas e aprovadas abertamente pelos estudantes nas suas estruturas de base - sob pena de continuarmos a manter uma flagrante contradição com os princípios gerais que regem organismos deste tipo;

-Considerando ainda que a definição de um programa de trabalho deve ser a de um programa de vanguarda (óbviamente, praticável), que seja de facto o reflexo dos aspectos mais marcantes da situação geral do conjunto de todas as Escolas; isto é, que aquilo que se definir como fundamental nesse programa de trabalho federativo, seja de facto fundamental no conjunto de todas as Escolas, e se traduza na prática numa elevação do nível da luta sindical também no seu conjunto (e não apenas de algumas Escolas);

-Considerando finalmente que se a luta estudantil não possui uma dialéctica própria, autónoma da dialéctica da luta de classes, muito menos a terá o seu aspecto sindical-legal; donde não competir aos colaboradores associativos (enquanto vanguarda sindical-legal, como é o caso presente) definir uma estratégia da luta estudantil e, na realidade, não se poder falar com propriedade de uma "estratégia" da luta sindical-legal;

-Considerando no entanto como perfeitamente necessária uma ampla e constante discussão e ventilação teórica (essencialmente entre colaboradores) das implicações estratégicas e táticas da luta estudantil na prática associativa, onde está aliás assente a perspectiva constante do programa de trabalho federativo;

Os colaboradores da AEFCL, nesta óptica, apresentam à discussão os seus diversos pontos de vista sobre a questão federativa.

1- A SITUAÇÃO DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO

1.1.-

a) A luta sindical tem apresentado um panorama em que se salientam:

A) no conjunto:

1ª Uma fraca federativização dos processos, com um grande isolamento entre as lutas em curso nas diversas Escolas;

2ª Extrema debilidade dos seus "saltos" qualitativos, isto é, franco predomínio da luta sindical sob as formas mais atrasadas, apesar de várias situações propícias a um avanço significativo terem surgido;

3ª Movimentação e mobilização inconsistente, em geral muito fraca (no conjunto).

B) em particular:

1ª Grande distinção qualitativa dos processos nas diversas Escolas: isto é, grande diferença entre as Escolas em que as formas mais atrasadas de luta sindical vão dando lugar a formas mais avançadas, e aquelas em



que as formas mais atrasadas persistem (predominando estas últimas);

2º Grande distinção quantitativa na movimentação das diversas Escolas; com grande número destas em que é praticamente nula, algumas em que a movimentação é fraca, e raras aquelas em que existe uma movimentação significativa.

b) A vanguarda sindical (legal) e as suas estruturas apresentam um panorama em que se salienta :

A) em relação à vanguarda sindical (legal)

1º esta tem-se manifestado objectivamente como uma pseudo-vanguarda, em que predominou largamente as mais diversas formas viciadas de actuação oportunística: burocratismo, ultrareformismo, golpismo, parlamentarismo etc, estando todos estes exemplos intimamente interligados entre si ;

2º o número de quadros (colaboradores associativos) é ultradiminuto em relação às necessidades imediatas de trabalho e grande número destes está usualmente afastado dos processos de discussão federativa;

3º este afastamento usual de grande número de colaboradores das discussões federativas, tendo frequentemente origem quer no desinteresse quer no desconhecimento de causa, não é habitualmente combatido pelos dirigentes por negligência ou oportunismo consciente.

B) em relação às estruturas

1º esmagadora ausência de estruturas organizadas, no conjunto das Escolas; em particular, inexistência de estruturas federativas para além da deficiente R.I.A.

2º de entre as estruturas organizadas, parte importante delas não se encontra legalizada;

3º mesmo nas Escolas com estruturas organizadas, o nível de organização é, no conjunto, extremamente fraco; (salienta-se igualmente a grande diferença neste aspecto de Escola para Escola);

4º as AAEE encontram-se, no conjunto, extremamente desenraizadas das massas de estudantes das respectivas Escolas; a diferença da AE para AE neste aspecto segue bem o referido em a) B) 2º;

5º em geral, as estruturas apresentam-se nitidamente viciadas, mantendo-se, no conjunto, um marcado resíduo do seu carácter intrinsecamente oportunista (burocracia, antidemocraticidade, parlamentarismo, inacessibilidade ao "estudante comum", etc).

NOTE-SE a perfeita correlação dialéctica entre A) e B) na b)

c) Aspectos mais importantes das interligações entre a) e b)

1º É muito fundamentalmente a predominância das diversas formas viciadas de oportunismo, nomeadamente o ultrareformismo, que se traduziu na perpetuação da luta nas suas formas mais atrasadas (luta reivindicativa facilmente recuperável), não a perspectivando e puxando sistematicamente as massas para trás;

2º Ainda as mesmas diversas formas viciadas, nomeadamente o golpismo, desorientando a massa estudantil, criaram as bases de uma desconfiança face às AAEE e promoveram o seu isolamento;

3º Da mesma forma, e correlacionado com os dois aspectos anteriores, a inacessibilidade das estruturas (secções etc) ao estudante pelos seus diversos vícios, provocaram um fenómeno particularmente grave: uma determinada camada estudantil mais próxima das AAEE ("orla"), que sempre funcionou como uma importante "ponta de lança" da inserção destas na massa e que lhes garantia uma renovação e aumento progressivo de colaboradores, afastou-se sensivelmente no conjunto, agravando em geral o desenraizamento das AAEE das massas (provocando consequentemente um maior atraso na evolução do nível da luta estudantil).

4º Este desenraizamento agravado das AAEE das massas veio torná-las obviamente bastante mais vulneráveis ao oportunismo; este surge agora igualmente perigoso sob a forma de anarco-sindicalismo, que, em oposição metafísica ao ultrareformismo, tende para uma ultrapolitização e "esquerdização" aventureirista das AAEE e do seu trabalho. Esta nova forma de oportunismo mostra bem as suas afinidades com a

anterior, pois leva ao mesmo resultado: progressivo isolamento das AAEE em relação à massa estudantil, e atrazo à sua luta.

NOTE-SE que ainda não foi de modo algum feita uma crítica sistematizada a nível de massas do oportunismo nos seus aspectos de ultrareformismo, golpismo e anti-democraticidade, etc.

Todo este arrazoado pode ser lacônicamente sintetizado da seguinte forma:

- A luta sindical está atrasada (bastante) no seu conjunto;
- A movimentação é fraca e inconsistente, no conjunto;
- Tem predominado um isolamento de Escola e uma orientação oportunista;
- Os quadros são exíguos e com uma conjuntura que os vicia;
- As estruturas estão viciadas e desenraizadas das massas, e é aquelas que existem, que são poucas;
- A situação do desenraizamento e da ausência de crítica sistematizada a nível de massas por parte das AAEE traduz-se na sua maior vulnerabilidade ao oportunismo (anterior e "novo").

A isto pode ser acrescentado:

1.2.- (A situação do Movimento Associativo)
Perante a situação geral

- a) Na questão da actual política governamental - impropriedade teórica e prática das lutas sindicais de lhe fazer frente devidamente; o que aliás corresponde por um lado ao predomínio de uma direcção oportunista da luta, por outro ao baixo nível do poder de análise e compreensão por parte dos estudantes da situação actual desta questão.
- b) Na questão do seu isolamento - deficiente informação do desenvolver do processo de luta contra a exploração (nacional e internacional), deficiência essa que permite a manutenção do espírito de "ghetto" estudantil, dificultando a evolução do nível de luta estudantil na compreensão do seu correcto enquadramento geral.

GRAAL

Saber junto de
 M. Garcia compromissos
 assumidos por Graal

Janari - 27

~~Janari 27~~

Muro

Defonar ao Pinta

Manuel Rina - Quinta 29

Eduardo Colley - Terça 27 (a conf.)

Muro - Quinta - 5

Terça 37 Janari

terça 10

Quinta 12

Terça 17

Quinta



2 - PROPOSTAS

2.1. - Instauração de uma prática crítica de desvioamento

- a) Pela "impregnação" que o predomínio do oportunismo conseguiu na luta sindical e suas estruturas (ultra-reformismo, burocracia, parlamentarismo, golpismo e anti-democraticidade, etc.) e pela inexistência de uma prática crítica neste campo
- b) É indispensável uma prática de desvioamento (campanha de crítica ao oportunismo, chauvinismo, e pela desburocratização e democratização interna) prioritária numa fase inicial, para se conseguir ir estabelecendo uma nova linha de orientação não oportunista
- c) Pensar que se pode começar por uma prática em sequência de uma "linha ^{anti-oportunista} correcta" definida, é pressupor que esta linha pode ser estabelecida na situação actual - o que é muito duvidoso pelo expresso em a)

ASSIM PROPÕE-SE :

A- Que se ponham em prática as seguintes premissas :

i) Todas as decisões na vanguarda (ou cúpula, como se queira chamar) do M.A. que digam respeito de alguma forma à linha de orientação momentânea deste (M.A.) ou dos primeiros passos de reestruturação, a nível interno, de Academia, ou nacional, devem ser antecedidos necessariamente da máxima ventilação e discussão entre os colaboradores e estudantes mais próximos, respectivamente a nível interno, de Academia, ou Nacional. Isto diz respeito, entre outras, às decisões de R.I.A. e R.N. de dirigentes.

ii) Em todas as escolas onde por diversos motivos (que podem ir do desinteresse ao desconhecimento de causa) esta discussão e ventilação dificilmente abrange a totalidade dos colaboradores, a direcção da escola e os colaboradores mais próximos devem tentar activamente suprir as falhas que ocasionam esse estado de coisas e em caso algum aproveitar-se dele por comodismo ou oportunismo consciente.

iii) Devem ser estimulados os contactos entre colaboradores de diversas escolas e ser criadas condições para um intercâmbio frequente, e nunca dificultado por negligência ou oportunismo consciente.

iv) Todas as decisões respeitantes a questões fundamentais momentâneas, mesmo que não sejam gerais, devem ser precedidas de amplo debate e discussão na base.

(e nunca fazer muitos meetings de "base", dizer que é a base que está ali a discutir e no fim de contas serem os quadros associativos e a "orla" estudantil mais a próxima destes) em vez de apresentar quase de chofer propostas elaboradas no topo (exemplo concreto: os oito pontos de "Coimbra" e a CNEP)

B- Que se proceda:

a uma intensa campanha de democratização interna

em que se faça - 1º - a aplicação integral do ponto sobre democraticidade da Declaração de Princípios ; 2º - a criação de estruturas na base englobando estudantes normalmente afastados até agora do trabalho associativo - a) que controlem efectivamente o trabalho associativo - b) que imponham a discussão na base de certas decisões de reuniões de topo, antes de elas tomarem valor efectivo, - c) que controlem a preparação das Reuniões Nacionais de Dirigentes, Plenários, etc., d) que exijam o controle das reuniões fechadas, impedindo assim o seu funcionamento, etc.; devendo-se trabalhar intensamente por um progressivo aumento de enquadramento das massas estudantis, maior participação nas Reuniões Gerais de Alunos, maior número de sócios, de colaboradores, enfim por um constante aumento da radicação nas massas estudantis por parte das AAEE.

ao combate frontal ao oportunismo associativo

não tendo receio de "lavar a roupa suja" associativa perante as massas; denunciar perante elas :

- 1º - todas as infracções á democraticidade por parte de dirigentes oportunistas, sem ter receio de enfraquecer por isso o prestígio do Movimento Associativo - pelo contrário será a melhor forma de arrazar todas essas publicações provocatórias pseudo-estudantis, que vivem tentando desacreditar as AAEE;
- 2º - as orientações incorrectas e oportunistas , e mostrar-lhes os efeitos nefastos que produzem, assim como os interesses de que classe é que defendem, devendo-se trabalhar intensamente para a implantação do controle da linha de orientação momentânea da Escola por parte dos colaboradores, e da linha de orientação geral pelas massas ; por uma maior capacidade crítica da parte das massas; e por uma formação de colaboradores saídos destas mais intensa.

ao combate ao chauvinismo e ao isolamento em todos os níveis e sob todas sas formas:

- 1º - entre Academias (caso flagrante as relações entre estudantes de Coimbra e os de Lisboa envenenadas pelos dirigentes oportunistas de Coimbra); e
- 2º - entre Escolas (menosprezo pela organização federativa; elaboração de linhas de orientação isoladas de processos que podem e devem ser coordenados; menosprezo pela R.I.A. e tendência a tirar proveito dela para a Escola); devendo-se trabalhar intensamente para a FEDERATIVIZAÇÃO DE LISBOA - estruturas gerais e orientação geral - reorganizando as actuais estruturas e para a CRIAÇÃO DAS BASES DA U.N.E.P.- estruturas e orientação geral .

Na fase actual , a preocupação principal do trabalho interno e do trabalho federativo deve ser a consolidação interna das AAEE , fundamentalmente enquanto verdadeiros órgãos de massa.

NOTA a B : Aquilo que aparentemente pode surgir como uma confusão entre método e objectivo apresenta-se claramente como um sério objectivo a atingir; e isso porque "instaurar uma prática crítica de desviciamento", significa o estabelecimento de coisas que estão muito longe de funcionar na prática, em virtude dos vícios (de carácter oportunista) anteriores. "Implante-se" o método... e ele então será método!

- 2.2 - Trabalho federativo virado a uma primeira consolidação interna das AAEE
 - a) A movimentação associativa é predominantemente fraca, atrasada, ou inexistente; as suas estruturas reflectem e condicionam bem este estado de coisas.
 - b) É indispensável proceder a uma primeira consolidação interna mínima das AAEE, para se poder conseguir o amplo lançamento de uma prática correcta e avançada, que se traduza numa elevação do nível da luta sindical no seu conjunto (e não apenas em algumas Escolas); 2.2. deve ser pois uma linha fundamental do trabalho federativo nesta fase inicial
 - c) Pensar que na situação actual é possível uma prática avançada, lançada pelo esforço federativo, poder-se traduzir num avanço global do movimento, é muito duvidoso, pelo exposto em a) .
 - d) Isso não quer dizer que, dentro da óptica de consolidação interna das AAEE , não se adopte como ponto fundamental a perspectiva crítica federativa do trabalho interno e geral, para uma prática correcta, mesmo ao nível de processos atrasados.



C- 1- Perspectivação crítica federativa do trabalho interno e geral
Exemplo básico:

Luta contra o ensino de classe

("A forma privilegiada de realizar esta luta corresponde a um trabalho na base nos cursos, sabendo-se aproveitar as pequenas reivindicações, projectá-las, respeitar o seu conteúdo e integração no ensino de classe, mobilizando as massas num processo crescente de radicalização de posições. Este trabalho é activado por comissões de base, que conduzam o processo; paralelamente o apoio da luta ao nível geral será dado pela AE através da informação, produção de textos e tomada de posição. Assim, obter-se-á na prática uma desmistificação geral do ensino feito pela participação da própria base; é abolir radicalmente o método de serem as "super"-estruturas (direcções, R.I.A.) a fazerem a crítica de cima, em belas análises, que não terão efeito real nenhum, pois não são participadas pela base "-ponto 2 em proposta dos 5 pontos de Medicina.)

2- Esforço de estruturação:

programação do trabalho federativo de forma a:

- estimular estruturação onde não a há
- consolidar as estruturas internas existentes, de forma a criar um mínimo de condições para uma centralização das estruturas federativas, nomeadamente as intersecções.

3- Lutas

- pela revogação da legislação anti-estudantil
- contra a repressão
- legalização de C.P.A.s , dentro da perspectiva exposta na proposta 1 a) do mesmo texto de Medicina.

2.3. - Propõe-se

D- "Batalha" de informação

"Utilizar todos os meios (jornal de parede, sonora, colóquios, etc,) para informar os estudantes das lutas contra a exploração local municipal. É necessário ter extrema cautela com a linguagem utilizada de modo a saber usá-la de acordo com a mobilização e o estado de consciência dos estudantes evitando qualquer tipo de isolamento e sob pena de repressão. Neste campo há que aproveitar a falta de verbas para bolsas, cantinas, etc) explicando a sua falta pelo desvio para a guerra, sendo isto o motor da mais fácil consciencialização e mobilização das pessoas para temas difíceis de abordar de outro modo." - ponto 4 da mesma proposta de Medicina referida.

Este ponto deve no entanto estar condicionado à evolução do trabalho dos pontos A, B e C.

NOTA:

-Saliente-se mais uma vez que estes são aspectos considerados fundamentais tendo em conta uma situação de conjunto. Isto não quer dizer de forma alguma que se alguma Escola puder ir mais longe, que não vá ou mesmo que não possa ser feito trabalho federativo de enquadramento a algum processo mais avançado; o que não pode, porém, deixar de ficar vincado, é que isto não poderá constituir o fundamental do trabalho federativo nesta fase.

Este texto não se pretende de modo algum exaustivo; a discussão em curso e a saída eventual de novos textos irão completando os aspectos que se demonstrarem insuficientemente tratados.